



Universidades Lusíada

Carvalho, José Eduardo dos Santos Soares, 1939-

Recensão : "Making money: coin, currency and the coming of capitalism"

<http://hdl.handle.net/11067/4331>

<https://doi.org/10.34628/vkh0-8e26>

Metadados

Data de Publicação	2017
Resumo	Na teoria económica convencional o dinheiro é normalmente visto como um meio de troca, um passo intermédio entre o que se produz e o que se quer obter, um véu neutro que cobre toda a economia e que tem uma influência negligenciável na economia real. Instrumental a esta visão é a conhecida história da sua origem, que nos diz que o dinheiro terá surgido espontaneamente, num contexto de troca directa, como o bem mais indicado para servir como meio de troca, facilitando assim essas transacções....
Palavras Chave	Moeda - História
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 22 (2017)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T10:21:15Z com informação proveniente do Repositório

“MAKING MONEY: COIN, CURRENCY AND THE COMING OF CAPITALISM”

Making Money: Coin, Currency, and the Coming of Capitalism. Christine Desan. Oxford, Oxford University Press, 2014, ISBN 9780198709572; 512pp.

José Eduardo Carvalho

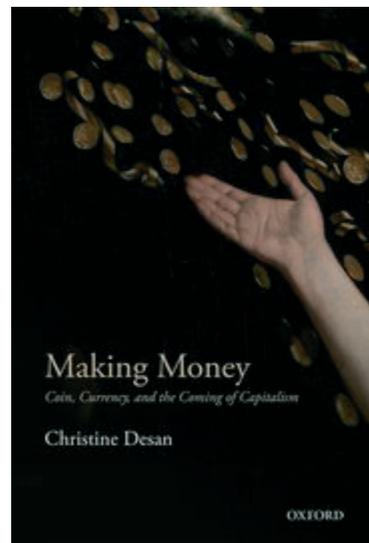
Universidade Lusíada de Lisboa

1. Enquadramento

Na teoria económica convencional o dinheiro é normalmente visto como um meio de troca, um passo intermédio entre o que se produz e o que se quer obter, um véu neutro que cobre toda a economia e que tem uma influência negligenciável na economia real. Instrumental a esta visão é a conhecida história da sua origem, que nos diz que o dinheiro terá surgido espontaneamente, num contexto de troca directa, como o bem mais indicado para servir como meio de troca, facilitando assim essas transacções.

Uma visão alternativa afirma que a história da origem do dinheiro é muito diferente. Esta diz-nos que, na sua origem, está uma autoridade sobre uma determinada comunidade e a mobilização de recursos em prol dessa autoridade. Este ponto de vista é exemplarmente exposto por Christine Desan, professora de Direito de Harvard, no seu recente livro “*Making Money: Coin, Currency and the Coming of Capitalism*”, onde ela aborda esta questão.

Trata-se de uma nova e excitante teoria da história do sistema monetário moderno, descrevendo suas origens e o eventual desenvolvimento do capitalismo. Examina as influências constitucionais da moeda e o impacto do governo sobre o dinheiro ao longo da história. Concentra-se no valor acrescentado do dinheiro como mais do que uma mercadoria simples.



Economistas, advogados e historiadores, entre outros, podem disfrutar da abordagem clara, numa prosa precisa, do livro de Desan acessível a todos. Mesmo aqueles interessados em obter uma compreensão abrangente da evolução da mecânica do dinheiro vai encontrar este livro inestimável. A abordagem a este tema é ampla e cronológica, dando ao leitor o que é essencialmente uma nova história e análise de como o dinheiro é feito, ou seja, como é dado o seu valor e capacidade de circular. Enquanto a abordagem cronológica pode significar que o leitor pode, por vezes, perder a pista em áreas onde o autor mergulha brevemente de volta a um período anterior, os lembretes frequentes de precedentes monetários provar útil para o leitor no longo prazo.

2. Exposição

Esta história alternativa da origem do dinheiro sugere que este nunca foi algo neutro, mas sim um projecto colectivo das sociedades que o utilizam. Citando Desan: “Ao entender dinheiro como uma instituição legal, abre-se a porta à sua exploração. Em vez de um intermediário neutro ou constante, dinheiro é um processo que tem afectado de forma distinta as comunidades que o criam de formas que têm mudado ao longo do tempo. (...) O papel das reservas bancárias, requisitos de capital e gestão de carteira de investimentos; o alcance do seguro dos depósitos bancários; a relação das instituições financeiras com o prestamista de última instância. Estes formam o vocabulário de reforma num mundo com dinheiro de base bancária; tudo isto são questões legais. À medida que tomamos as decisões legais (re)construiremos o dinheiro.”

Os economistas modernos tendem a pensar no dinheiro como uma questão nominal, não real. A expansão da oferta de moeda pode aumentar os preços, mas não afectar o volume de bens e serviços comercializados. Mas Desan argumenta que, na época medieval, esse não era o caso. A falta de moedas dificultava o comércio. A escassez de moedas incentivou o uso de dinheiro do exterior, argumenta o autor. Além disso, a cunhagem foi degradada pela prática medieval de “*clipping*” de moedas, ou raspar as bordas para salvar a prata. Tudo isso levou à necessidade frequente de reclassificar ou redenominar a cunhagem. Às vezes eram os monarcas que estavam puxando fora este truque como uma maneira de impulsionar suas próprias finanças. Outras vezes, a redenominação também ajudou a impulsionar a actividade. *an early version of QE*; uma versão inicial do QE.

No entanto, toda a mudança provocou uivos de queixa das partes perdedoras. Redenominações também levaram a disputas legais complicadas. Ao pagar uma dívida, o mutuário era obrigado a pagar um número definido de moedas. “Quando os credores tentaram argumentar que deveria ser uma quantia fixa de prata, o conselho privado de Tiago I declarou que o rei, por sua prerrogativa, pode ganhar dinheiro com a matéria e a forma que desejar, e estabelecer o seu padrão”.

Esta atitude sofreu uma inversão após a Revolução Gloriosa, que trouxe Guilherme III ao poder em 1689 com a ajuda de *whig* financeiros que criaram o Banco da Inglaterra. Os credores do rei naturalmente tinham interesse em dinheiro sadio, e a Grã-Bretanha adoptou o padrão-ouro, que duraria, pelo menos em tempo de paz, durante os próximos dois séculos. A longo prazo, os preços foram notavelmente estáveis durante este período. No curto prazo, no entanto, a disciplina exigida por esta norma exigia algumas quebras curtas e acentuadas, que impunham dor considerável às classes trabalhadoras. O advento do sufrágio universal após a primeira guerra mundial tornou impossível que os governos democraticamente eleitos impusessem tais custos aos seus eleitores. O dinheiro das *commodities* desapareceu e o dinheiro “*fiat*” - o dinheiro que é o que o governo declara ser - tornou-se a norma.

Em essência, a história tem visto uma batalha entre o papel do dinheiro como uma loja de valor (que requer uma oferta restrita) e seu papel como um meio de troca (que pode exigir a criação de mais dinheiro).

Toda esta história é contada por Desan ao longo dos 12 capítulos do seu livro:

1. Histórias de Criação
2. Do Metal ao Dinheiro: Produzindo o “Just Penny”
3. Dinheiro de Commodity como um esporte extremo: Fluxos, Famines, Debasements, e moedas de um centavo da imitação
4. A Alta Política do Dinheiro Medieval: Moeda Forte, Impostos Pesados e a Invenção Inglesa do Crédito Público
5. A estratigrafia social da moeda e do crédito na Inglaterra tardia medieval
6. Priming a bomba: O caminho soberano para pagar por moeda e circulação de crédito
7. Interesses, Direitos e Moeda da Dívida Pública
8. Reinventando Dinheiro: O Início da Moeda Bancária
9. Re-teorização do dinheiro: a luta pela imaginação moderna
- 10 A arquitetura do século XVIII do dinheiro modern
11. Epílogo ao século XVIII: o padrão de ouro em uma era de inconversibilidade
12. Conclusão: do sangue à água.

O primeiro capítulo enfatiza os principais argumentos que correm ao longo do livro: ela não acredita que os mercados criaram dinheiro - foi o dinheiro que criou o mercado. Isso certamente faz sentido quando o leitor considera que a troca de mercadorias seria difícil sem uma medida padronizada de valor. Desan também observa que essa padronização do valor através do dinheiro só funcionaria num mundo criado pelo dinheiro. A criação de valores padronizados através da cunhagem também permitiu definir o valor da mão-de-obra, o que, em última instância, garantiria que os trabalhadores sem mercadorias para comércio pudessem ainda ter acesso ao mercado.

O segundo capítulo de Desan traz o leitor para a alta Idade Média, onde ela explica como o “penny justo” foi produzido, essencialmente um meio circulante rigidamente protegido. Ela ressalta a importância atribuída à acuidade e ao significado político dos selos. O Guardião da Casa da Moeda era esperado para guardar a moeda morre “como se fossem o selo do rei”, e *mintmasters* cujas moedas continham demasiada liga foram tratados com severidade.

Um dos pontos mais interessantes deste capítulo também demonstra o valor do quadro jurídico de Desan. A sua análise das fontes legais nos leva ao debate “conto vs peso”, que se resume a crenças conflitantes de saber se as moedas circulavam pelo peso ou pelo valor nominal decretado. A exploração dos documentos legais da Desan oferece uma nova contribuição para este debate. Ela considera que a acção de direito comum da dívida declarou que o dinheiro era devido por “contagem”, não por peso.

Os desenvolvimentos monetários do século XVII, que Desan esboça demonstram uma mudança na qual a instituição foi vista como tendo o direito de fazer alterações monetárias. Elizabeth I tinha feito alterações significativas para a cunhagem, sem um benefício óbvio para as pessoas ou a oferta de dinheiro. Embora possa parecer que os problemas de dinheiro da Inglaterra foram resolvidos instantaneamente pela criação de papel-moeda, as complexidades em torno de sua assimilação e o fato inescapável de que a moeda de ouro e prata ainda circulavam significava que o debate “conto vs peso” permaneceu relevante por algum tempo.

Ao longo deste período houve numerosas legislações passadas sobre moedas de qualidade inferior. Em 1284, o *Stat de Moneta* permitiu para que os indivíduos pesem moeda cortada, e ao *Parlamento Rolls of Medieval Inglaterra* em 1504 permitiu a moeda cortada para ser recusada. É claro que o conteúdo intrínseco permaneceu importante, mas o governo manteve o direito de alterar o valor decretado das moedas. Os governos também poderiam fazer alterações à legislação que forçasse a aceitação da moeda com este valor nominal se houvesse sussurros de problemas de circulação por conta da insatisfação com o peso.

Um dos maiores temas que varre o livro de Desan é também a relação entre dinheiro e de crédito. No capítulo cinco, o leitor recebe uma visão adicional sobre o problema de um centavo superestimado. Refere-se aos trabalhadores pagos em moeda inutilmente forte, incapaz de gastá-los, como o alto valor de um centavo não-degradado, e os baixos preços de deflação significava salários não fornecer trabalhadores com um meio instantâneo para se envolver no mercado. Isso minou o objectivo preciso de padronizar o valor do trabalho através da moeda.

Consequentemente, os trabalhadores elaboravam dívidas ou criavam ordens permanentes (como as assinaturas de uma determinada cervejaria para um suprimento semanal de cerveja), até que eles devessem o suficiente para poderem pagar com seus centavos sobrevalorizados. Aqui o crédito é uma ponte entre os preços baixos e as moedas de alto valor, evidenciando o ponto de Desan de que, na Inglaterra, o crédito estava voltado principalmente para o consumo, enquanto no continente era para poupança ou investimento. Numa época de moeda inadequada, Desan argumenta que, quando todas as outras vias estavam esgotadas, houve uma

reversão para o comércio de mercadorias. Isso era mais comum nas aldeias e poderia ter sido um sistema de troca e de caixa misto.

Da teoria do crédito, Desan move-se a mais expressões físicas do crédito, conduzindo finalmente ao bilhete de banco moderno. A falta de pequena mudança na Inglaterra medieval levou a uma série de alternativas de dinheiro. Desan olha para contagens, fazendo uma contribuição para bolsa de estudos actual, como contagens foram largamente negligenciadas como um meio de expandir o estoque de dinheiro. Este tornou-se dinheiro quando o governo o aceitou como pagamento de dívidas ou impostos. Embora fossem uma forma de dívida pública que obtivesse seu valor com receitas antecipadas, essas acções da dívida pública são geralmente aceitas como tendo circulado: “Indivíduos que possuíam registros, aparentemente os transferiam às vezes para outros, que os cobravam com coleccionadores no campo, Quer por moeda quer por crédito sobre uma obrigação fiscal”.

Desan explica que esta forma de dinheiro fiduciário se baseia na receita antecipada e preparou as bases para futuras inovações monetárias para combater os problemas de liquidez recorrentes da Inglaterra, que persistiram até o século XVII e mais além. Novamente, foi necessário encontrar um método de expansão do estoque monetário. As “obrigações do Tesouro” de Downing constituíam uma dessas sugestões. Uma forma de obrigação do governo, os Bônus do Tesouro ofereciam uma compensação ao portador sob a forma de juros, algo que não tinha sido tão fácil de instigar nos países católicos. Em 1663, este conceito foi levado adiante pela ideia de notas-backed fiscais que circulam também, com juros de William Killigrew, que ele acreditava que iria unir o rei e seu povo através de interesse mútuo. O pagamento de juros pelo governo às pessoas marcou uma mudança significativa na fabricação de dinheiro.

No período medieval, as pessoas haviam pago o dinheiro que tiraram da casa da moeda, aceitando que uma parte do ouro que trouxessem para a conversão fosse tomada para as taxas de senhoriagem e de bronzeamento. Para o público, isso era agora “livre”. O governo pagou por cunhagem e, por sua vez, pagou ao Banco da Inglaterra para produzir notas em papel. Além disso, as notas com juros, em última instância, passaram a ser tratadas como formas mais tradicionais de dinheiro. Em 1710, uma lei decretou que a falsificação de notas de banco seria tratada com a mesma gravidade que a moeda de recorte. O governo também começou a aceitar notas de banco como pagamento de impostos, o que solidamente as equiparou a prata e moeda de ouro.

3. Apreciação

Neste seu livro, Christine Desan desafia a visão da história do dinheiro como uma queda da graça. Ela faz parte da escola “carnalista”, que argumenta que o dinheiro não se desenvolveu espontaneamente a partir de baixo, mas foi imposto de cima pelo Estado ou governante.

O dinheiro viaja pelo mundo moderno disfarçado. Parece uma convenção de troca humana - uma mercadoria como o ouro ou um meio como a linguagem. Mas a sua história revela que o dinheiro é uma questão muito diferente. É uma instituição criada por comunidades políticas para marcar e mobilizar recursos. À medida que as sociedades mudam o modo como criam dinheiro, elas mudam o próprio mercado - juntamente com as regras que o estruturam, as políticas e ideias que o moldam e os benefícios que dele derivam.

Uma transformação particularmente dramática no design do dinheiro trouxe o capitalismo para a Inglaterra. Durante séculos, o governo inglês monopolizou a criação do dinheiro. A coroa vendeu a moeda das pessoas por uma taxa em troca de prata e ouro. O “dinheiro da mercadoria” era um meio frágil e difícil.

Foi no século XVIII, que o Banco de Inglaterra revolucionou o dinheiro através de sua introdução em larga escala de notas circulantes. O dinheiro pode se sentir tão sólido quanto o Banco da Inglaterra, mas passou a ser um fenómeno em constante mudança. As pessoas passaram de usar moedas de ouro ou prata através de notas de papel e cartões plásticos para a prática moderna de “quantitative easing”.

As consequências desta revolução são sentidas até hoje. Christine Desan argumenta que esta lendária transformação não foi um evento único, mas uma culminação de tendências de longa data dentro da tradição monetária inglesa. Essa revisão admite o ponto de Desan, mas chama a atenção para outros factores igualmente críticos para o sucesso do Banco: negócios excepcionais e perspicácia política, supressão activa de concorrentes e muita sorte. A importância desses factores é evidenciada pelo fracasso das tentativas de imitação em outros países.

Segundo Christine Desan, o ponto de partida para o aparecimento de dinheiro é uma comunidade onde cada membro - indivíduo ou família - contribui regularmente de alguma forma para o “centro” dessa comunidade. O “centro” pode ser um rei, um líder, um chefe militar, um governo democraticamente eleito ou qualquer outra forma de autoridade. Neste contexto, dinheiro surge quando o “centro” da comunidade recebe contribuições dos seus membros antes da altura devida, e oferece, como contrapartida, um recibo que simbolize essa contribuição antecipada.

Chegada a hora prevista para as contribuições habituais dos membros da comunidade, este recibo poderia ser entregue pelo seu portador em vez da contribuição devida. Entre estes dois momentos, o recibo poderia circular pelos membros da comunidade, estando o seu valor garantido pela exoneração de contribuir que este conferiria. Sendo obviamente desejável que tal recibo fosse difícil de falsificar, metais raros e de difícil manipulação foram frequentemente utilizados como matéria-prima.

Christine Desan dá como exemplo deste processo uma típica comunidade da Grã-Bretanha do século VII, após o abandono do exército romano dois séculos antes. Na ressaca desse abandono, a moeda usada até então como meio de troca deixou praticamente de ser utilizada como tal e as transacções comerciais

colapsaram. Um líder de uma comunidade dessa altura cobraria regularmente tributos, na forma de bens ou serviços, a milhares de famílias que habitavam determinado território.

Quando, por exemplo, surgisse uma ameaça de alguma comunidade vizinha, esse líder requisitaria os serviços militares de algumas centenas de membros da comunidade, recompensando-os com uma espécie de recibo (como metal cunhado) que simbolizasse a contribuição extraordinária que tinham fornecido e que exoneraria o seu portador de uma parte das suas devidas contribuições futuras. Os detentores de tal recibo, caso preferissem continuar a fornecer os habituais tributos obrigatórios ao seu líder, poderiam usá-lo para obter bens de outros membros, servindo assim o recibo como meio de troca nessa comunidade.

Em síntese, o trabalho de Christine Desan contribui de forma importante para a história monetária, expondo claramente as mudanças que aconteceram ao longo da história, o que acabaria nos dando o dinheiro que usamos hoje. Numerosas forças motrizes incentivaram a evolução do dinheiro, com o encorajamento do lucro do capitalismo dando-lhe o impulso final. Esta extensa história envolve temas de debate que dizem respeito a historiadores e economistas de todos os períodos de tempo, e Desan oferece interpretações viáveis a todos eles. É dada uma abordagem equilibrada ao debate “medieval / medieval” dos medievalistas e à percepção e uso do crédito do inglês medieval.